



GT – 02. Análise socioespacial urbana com sistema de informações geográficas

A ESPACIALIDADE DA SOCIABILIDADE DE SALVADOR (BA) SOB A ÓTICA DA INFRAESTRUTURA SOCIAL.

Autor: Edson de Jesus Abreu

Filiação institucional: UFBA

E-mail: edsonabreu11@gmail.com

RESUMO:

Busca-se identificar nesta pesquisa a Infraestrutura social – a rede de espaços públicos e privados (de uso coletivo) que dão suporte à sociabilidade urbana – de Salvador, para compreender a relação entre a criação destes tipos de espaço e a desigualdade social, visando constatar os possíveis impactos da desigualdade nas vidas sociais das pessoas. Para tal, foram utilizados os dados dos Censos 2010 e 2022 e foram mapeados os diversos tipos de espaços de sociabilidade da cidade como bares, restaurantes e cafés, praças, parques e largos, espaços religiosos, barbearias e salões, equipamentos esportivos, entre outros. Conclui-se que, em Salvador, a desigualdade se manifesta principalmente na variedade dos tipos de espaços ofertados às diferentes populações e na autoexclusão das populações mais abastadas de formas de sociabilidade menos seletivas.

Palavras-chave: Sociabilidade, Infraestrutura social, Desigualdade Socioespacial.

1. INTRODUÇÃO

A sociabilidade é a forma “sem objetivo” de associação entre pessoas. Não oferece nada – organização política, produção dos meios necessários à vida, aquisição de novos conhecimentos – a não a ser a si mesma e o prazer que ela causa. Sair juntos, jogar conversa fora, encontrar-se com os amigos; a sociabilidade é, em si, meio e fim, mas não é, por isso, “inútil”. Através dela vivemos o sentido e as forças da vida, mas, sem as pressões causadas pelas associações “com objetivo” (Simmel, 2006, p.59-82). Ela demanda espaços; públicos ou privados de uso coletivo como igrejas, terreiros, praças, parques, barbearias, salões, lanchonetes, restaurantes e quadras que dão suporte, fortalecem e criam novas relações de sociabilidade, constituindo assim o que Alan Latham e Jack Layton (2019), com base nos estudos de Eric Klinenberg, chamaram de Infraestrutura Social.

Contudo, como lembra Milton Santos, no Brasil, o acesso a bens e serviços essenciais, públicos e mesmo privados, é desigual e depende do lugar onde as pessoas se encontram, além de que, a desigualdade e a precariedade no Terceiro Mundo são de tal intensidade que acabam por criar formas de solidariedade e sociabilidade diferentes: na primeira, a dos populares, “avultam relações de proximidade, que também são uma garantia de comunicação dos participantes” (Santos, 2020, p.324); na segunda, das classes ditas superiores, mobilidade (e distância), velocidade e racionalidade imperam. Assim, não só a desigualdade pode influenciar nas possibilidades de sociabilidade, mas a própria forma da sociabilidade se tornaria diferente (Santos, 2020).

Esta pesquisa busca identificar e analisar a Infraestrutura social de Salvador para compreender a relação entre a criação destes tipos de espaço e a desigualdade social, visando constatar os possíveis impactos da desigualdade nas vidas sociais das pessoas.

Para tal, foram mapeados praças, parques e largos; bares, restaurantes, cafés e lanchonetes; espaços religiosos; livrarias, sebos e bibliotecas; barbearias e salões; teatros e associações culturais; cinemas; associações de moradores; pontos turísticos; museus; centros comunitários; estabelecimentos de entretenimentos que não se enquadrem nas categorias anteriores; clubes; quadras, *skateparks* e praças de esporte; e piscinas, se utilizando do Google *Street View*, Google *Maps* e do software QGIS. O Google *Street View* foi a principal ferramenta do processo. Através de um “campo virtual” percorreu-se as ruas de Salvador para identificar e georreferenciar os diferentes tipos de espaços escolhidos.

2. INFRAESTRUTURA SOCIAL: UMA BREVE EXPLICAÇÃO

Conceito reconhecidamente polissêmico, a Infraestrutura social foi recentemente resgatada por Eric Klinenberg, em seu livro *Palaces for the people*, de 2018. Conceito este que combina o fugidio do social com a solidez da infraestrutura, construindo uma ponte entre estas duas dimensões do espaço vivido e evidenciando os seus aspectos sistêmicos: as uniões e conexões entre os vários arranjos físicos que dão base à socialização, à coesão social, à confiança e à co-presença, e os atores e processos que os constroem (Högström et al., 2022). A infraestrutura social, compreendida como a rede de espaços públicos e semipúblicos que dão suporte à vida social das cidades, tem na sociabilidade uma preocupação crítica: a vida pública das cidades e seus bairros é um aspecto chave para o senso de pertencimento, bem-estar e engajamento com os lugares onde as pessoas vivem (Latham; Layton, 2022). A Europa, particularmente, tem reconhecido a importância da infraestrutura social e a incluído em seu planejamento urbano, como exposto no relatório *'The value of social infrastructure'* do *Bennet Institute for Public Policy*, da Universidade de Cambridge (Kelsey, 2021), e no editorial da *Urban Planning* *'Localizing Social Infrastructures: Welfare, Equity, and Community'* patrocinado pelo Formas – Swedish Research Council for Sustainable Development e o Forte – Swedish Research Council for Health, Working Life and Welfare (Högström et al., 2022).

Contudo, apesar da infraestrutura social possuir, como esquema analítico, uma “fertilidade intuitiva”, seu uso é desafiador. As variadas preocupações empíricas que os autores que utilizam o conceito demonstram, os diferentes – e por vezes discordantes – entendimentos do que é “o social” e do que é “infraestrutura” (Latham; Layton, 2022).

O uso de infraestrutura social, aqui, é voltado aos espaços que dão suporte à sociabilidade. Este é o quarto e mais recente uso corrente do conceito na Geografia de língua inglesa. O primeiro uso refere-se ao que Latham e Layton (2022) classificaram como “pessoas como infraestrutura”, relacionado principalmente às pesquisas do Sul Global, onde a vida social muitas vezes depende mais das relações entre as pessoas do que de uma infraestrutura física e de serviços à qual muitos não têm acesso. Trabalhos que se encaixam nessa definição – ainda que não utilizem o termo – verificam-se por todo o Brasil e, em Salvador, podem ser encontrados os trabalhos de Dias (2018; 2021), Santos (2019) e Pereira, G. C.; Florentino, P. V.; Rocha, M. C. F (2013, 2014). O segundo uso é mais convencional, das rígidas infraestruturas de água, saneamento, energia e comunicação e de como o acesso a elas é

influenciado por fatores sociais, culturais e políticos. Ele já foi abordado em trabalhos acadêmicos sobre Salvador por Santana (2013) Silva, H. S.; Pereira, G. C. (2017, 2020), Silva, J. C (2023) e Silva, H. S (2015, 2019). A terceira definição é a de infraestrutura social como a infraestrutura de cuidados/serviços sociais focando na disponibilização, pelas cidades, de serviços de educação, saúde e cuidado. No Brasil, essa parece ser a definição reconhecida de infraestrutura social, ou melhor, infraestrutura social e urbana, que “envolve um amplo conjunto de bens e serviços sociais, equipamentos comunitários e redes de suporte à vida cotidiana das pessoas, das famílias, das comunidades e das cidades, com forte impacto sobre o desenvolvimento econômico, a promoção do bem-estar social e a garantia dos direitos humanos” (IPEA, 2010). Apesar da definição parecer semelhante à de Latham e Layton (2022), o enfoque na vida cotidiana – ao invés de vida social ou vida pública – torna o escopo demasiado amplo. No relatório do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), onde se verifica a citação acima, inclui-se na infraestrutura social: casas de abrigo para adolescentes, casas de permanência para idosos, toda a infraestrutura escolar, redes de enfrentamento à violência contra a mulher, Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) , Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e outros órgãos de assistência social, equipamentos públicos de alimentação e nutrição, “cultura digital” e infraestrutura elétrica em ambientes rurais (IPEA, 2010).

Contudo, a indefinição inicial do termo em Klinenberg (2018) e Latham e Layton (2019), faz com que algum dos trabalhos observados incorram no mesmo problema que os trabalhos do IPEA que utilizam o conceito de infraestrutura social e urbana: o de um termo que abrange tanto que pode acabar por ser inútil como ferramenta de análise. No artigo de Latham e Layton que popularizou a ideia na geografia e planejamento urbano estrangeiros, eles não definem alguns dos conceitos chave que utilizam para formular sua definição de infraestrutura social, como “sociabilidade”, “vida social” ou “vida pública” e, sem uma definição precisa, qualquer espaço em que a sociabilidade ocorra – como até mesmo lojas de ferramentas e lavanderias (Latham; Layton, 2019, p.7) – acaba contando. Nesse sentido, cabe indagar sobre a utilidade do termo. Não seriam as casas espaços de sociabilidade? Os locais onde se trabalha? A infraestrutura social não pode ser meramente um espaço onde a sociabilidade possa ocorrer – Ela pode ocorrer em qualquer lugar, desde que haja mais de uma pessoa –, mas espaços que, se não desenhados para a sociabilidade, tem-na ao menos como um de seus componentes principais. Como mostra Carvalho (2022), ao analisar igrejas neopentecostais e terreiros, esses

espaços do sagrado não só são importantes espaços de sociabilidade aos praticantes dessas religiões, mas por vezes os únicos que frequentam, como ocorre com alguns dos entrevistados evangélicos. Assim, apesar de serem espaços onde o objetivo primeiro não é a sociabilidade, descartá-los seria ignorar toda uma dimensão da vida social das pessoas.

Adotando a definição de sociabilidade de Georg Simmel, de sociabilidade como “sem objetivo” foram escolhidos espaços que tenham no simples encontro de pessoas um de seus aspectos fundamentais, ainda que não o único. Bares e restaurantes fornecem bebidas e alimentação, mas também um lugar para se congregar com conhecidos e desconhecidos, as igrejas, já citadas, servem à adoração, mas seu potencial de fomentar sociabilidade é inegável. Alguns mais, outros menos, os tipos de espaço escolhidos nesta pesquisa foram selecionados pensando neste equilíbrio entre função e sociabilidade possível.

Cabe lembrar, como em Milton Santos (2020), que “O objeto tem autonomia de existência, devido à sua existência corpórea, mas não tem autonomia de significação” (p. 156), o valor de um objeto vem de sua existência relacional, das ações que se fazem nele, e não de si mesmo. Assim, apenas a existência desses espaços não garante que estes ajam como infraestrutura social, o que impõe a questão do uso efetivo desses espaços, de como as pessoas os criam e recriam, e, nesse processo, os transformam em lugares que lhes são significativos individual e coletivamente. Os parques e praças localizados em bairros populares de Salvador, por exemplo, são, via de regra, vítimas de abandono e invisibilidade (Serpa, 2008), não agindo, portanto, como os espaços de sociabilidade como aqui definidos. Assim, o mapeamento a ser apresentado não identificou a infraestrutura social enquanto tal, mas apenas enquanto potencial para sê-la.

3. A DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL EM SALVADOR

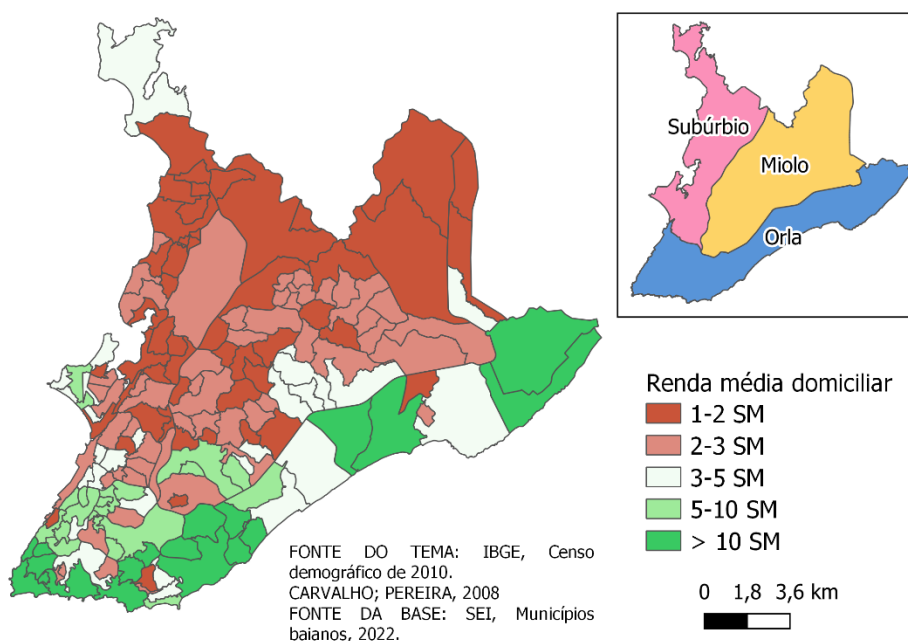
Salvador, em um estudo recentemente divulgado pelo Instituto Cidades Sustentáveis (ICS, 2024), foi classificada, dentre as capitais, como a mais desigual do país. É a capital mais pobre, com um dos maiores índices de desemprego, um dos maiores em desnutrição e o maior índice de violência. Estatísticas que contrastam com o dia a dia de bairros da “Orla Atlântica” de Salvador, bairros com renda domiciliar média superior a 10 salários mínimos, dotados de infraestrutura, com baixos índices de violência e Índices de Desenvolvimento Humano que chegam, em alguns lugares, a 0,95 (Pereira et al. 2022). Profundamente desigual, pode se falar

em “cidades” de Salvador, no plural; foi assim em um estudo de 2008, já clássico no urbanismo soteropolitano, que dividiu a cidade em três vetores de expansão: Orla Atlântica, Miolo e Subúrbio Ferroviário (Carvalho; Pereira, 2008). Essa divisão passou a figurar nos até mesmo nos planejamentos oficiais da cidade, como o plano “Salvador 500”, da Prefeitura Municipal de Salvador (PMS, 2020, p.290).

A Orla constituiria a “área nobre” da cidade; local de moradia, serviços e lazer, onde se concentram a riqueza, os investimentos públicos, os equipamentos urbanos e os interesses da produção imobiliária. O Miolo, localizado no centro geográfico do município, começou a ser ocupado pela implantação de conjuntos residenciais para a “classe média baixa”, tendo a sua expansão continuada por loteamentos populares e sucessivas invasões coletivas. Possui uma disponibilidade de equipamentos e serviços bastante restrita. O Subúrbio teve sua ocupação impulsionada inicialmente pela implantação da linha férrea, em 1860, constituindo, a partir da década de 1940, a localização de muitos loteamentos populares, que foram ocupados nas décadas seguintes sem o devido controle urbanístico, com suas áreas livres também invadidas. Concentra uma população extremamente pobre e é marcada pela precariedade habitacional, pelas deficiências de infraestrutura, serviços básicos e, mais recentemente, por altos índices de violência. (Carvalho; Pereira, 2008, p. 85-86)

Figura 1. Renda domiciliar média por bairro e divisão de Salvador.

**RENDA DOMICILIAR MÉDIA EM SALÁRIOS MÍNIMOS (SM), POR BAIRRO
SALVADOR, 2010**



O Subúrbio e o Miolo são os principais afetados pelas condições de trabalho em Salvador, contudo, toda a Região Metropolitana de Salvador (RMS) é historicamente marcada por altos índices de informalidade, altos índices de desocupação e baixos níveis de rendimento (Pereira et al. 2022, p.46). A pandemia agravou ainda mais a situação. Em termos relativos, a participação de pessoas de 14 anos ou mais na força de trabalho é a mais baixa desde o início da série histórica, em 2012 (65,6%, quando a média era de 70%), e a taxa de desocupação na RMS, que sempre esteve entre as mais altas do Brasil, alcançou níveis que chegam a ser quase o dobro da média das regiões metropolitanas –19,1% da força de trabalho desocupada na RMS e 10,8% na média, a RM de Recife, segunda colocada, tem uma taxa de 15,6%, 3,5% de diferença (Pereira et al. 2022, p.52). Os (poucos) empregos formais existentes concentram-se na Orla Atlântica, em sua maioria no setor de serviços, que representava, em 2019, 87,7% do valor agregado do município de Salvador. A concentração de empregos repete os padrões de qualidade de vida. (Pereira et al. 2022, p.53).

A violência também afeta principalmente o Miolo e o Subúrbio Ferroviário, tendo como vítimas majoritárias jovens negros de bairros populares:

...a distribuição territorial da ocorrência de violências, entre os anos de 2014 a 2018, se concentra nos bairros do Centro Tradicional; Miolo, com destaque para Pernambués, Cabula, Mata Escura, São Marcos, Castelo Branco e Águas Claras; no Subúrbio Ferroviário, em localidades próximas à Boca do Rio, São Cristóvão, Mussurunga, Piatã e Itapuã (Pereira et al, 2022, p.66)

Na Orla, a violência é utilizada como um dos componentes discursivos para as camadas mais afluentes da sociedade reforçarem o processo de autosegregação e fragmentação do espaço urbano em curso na cidade de Salvador. Novos condomínios fechados atendem uma demanda “por segurança” e contrastam com o modo pelo qual as camadas populares constroem suas moradias; em geral autoconstruções precárias produzidas de modo irregular ou ilegal, bem distantes da infraestrutura e regularização fundiária associadas aos condomínios (Pereira et al. 2022). Os efeitos da pobreza e da autosegregação podem ser identificados pela provisão de espaços de sociabilidade, como se poderá verificar na seção 5 deste artigo.

4. MÉTODOS

Para realizar o mapeamento da infraestrutura social soteropolitana¹ foram utilizados o *Google Street View*, o *Google Maps* e o software *QGIS*, além dos *plugins* *Google Satellite* e

¹ Não entraram no mapeamento as três ilhas de Salvador, cada uma equivalente a um bairro, assim, ao invés dos 170 bairros oficiais, são considerados, neste trabalho, apenas 167.

ESRI Satellite, que permitem a visualização do banco de imagens de satélite da Google e do *ESRI* diretamente no *QGIS*, eliminando a necessidade de extração e georreferenciamento dessas imagens.

O *Google Street View* foi a principal ferramenta neste processo. Em uma espécie de “campo virtual” foi-se de rua em rua identificando os diferentes espaços de sociabilidade. A maior parte das imagens do recurso, em Salvador, são de 2022, uma minoria de 2019 e 2018 e, em poucos pontos nos limites da cidade, nas partes menos urbanizadas, de 2013. Ao *Google Street View* somaram-se os dados do *Google Maps*, utilizados preferencialmente em áreas onde não haviam imagens do *Street View* disponíveis ou em locais com imagens desatualizadas.² O *Maps* também foi utilizado como referência quando haviam estabelecimentos que não podiam ser identificados somente pelas imagens. Em locais com as imagens mais recentes, de 2022, o *Street View* tomava precedência, seja na localização dos pontos – por vezes, o *Maps* informava a localização de um estabelecimento que estava na mesma rua em outra localização ou mesmo em outra rua – seja na natureza do estabelecimento. Dados cadastrais no google e perfis em redes sociais também foram consultados para alguns estabelecimentos. Para praças e parques, especificamente, foram utilizados os dados divulgados pela prefeitura de Salvador através da plataforma de divulgação Salvador Dados. Para quadras e piscinas foram utilizados os dados divulgados através da plataforma Cartografia Salvador, em formato *WFS*.

Como dito, foram escolhidos espaços que, mesmo que funcionais – e, portanto, “com objetivo” –, tenham a sociabilidade como um de seus fortes componentes. Foram selecionados: praças, parques e largos; bares, restaurantes, cafés e lanchonetes; espaços religiosos como igrejas, terreiros e centros espíritas; livrarias, sebos e bibliotecas; barbearias e salões; teatros e associações culturais; cinemas; associações de moradores; pontos turísticos; museus; centros comunitários; estabelecimentos de entretenimentos que não se enquadrem nas categorias anteriores; clubes; quadras, *skateparks* e praças de esporte; e piscinas. Os equipamentos esportivos foram divididos entre aqueles públicos e privados.

Os pontos foram colocados utilizando como base as imagens do *Google Satellite*. Para estabelecimentos comerciais, foram colocados em frente ao estabelecimento, próximos às ruas, para quadras, *skateparks* e piscinas por terem sido, em sua maioria, retirados de um

² Inicialmente a metodologia incluiria apenas o uso de dados do Google Maps, contudo, a escassez de dados em bairros populares levou ao questionamento acerca da completude desses dados. Preferiu-se, então, adotar uma metodologia onde se pudesse observar mais “diretamente” o espaço soteropolitano.

mapeamento realizado pela prefeitura de Salvador, obedecem a lógica escolhida por esses cartógrafos.

Para a comparação da quantidade de espaços disponíveis entre bairros usou-se a seguinte fórmula:

$$\frac{N^{\circ} \text{ de espaços}}{\text{População}} \times 100$$

Resultando, assim, no número de espaços para cada 100 habitantes. A multiplicação é necessária porque, caso contrário, as unidades de saída seriam muito baixas e de difícil comparação. Dado o caráter público do conceito de infraestrutura social, apenas os espaços de uso coletivo foram contabilizados neste cálculo.

5. RESULTADOS

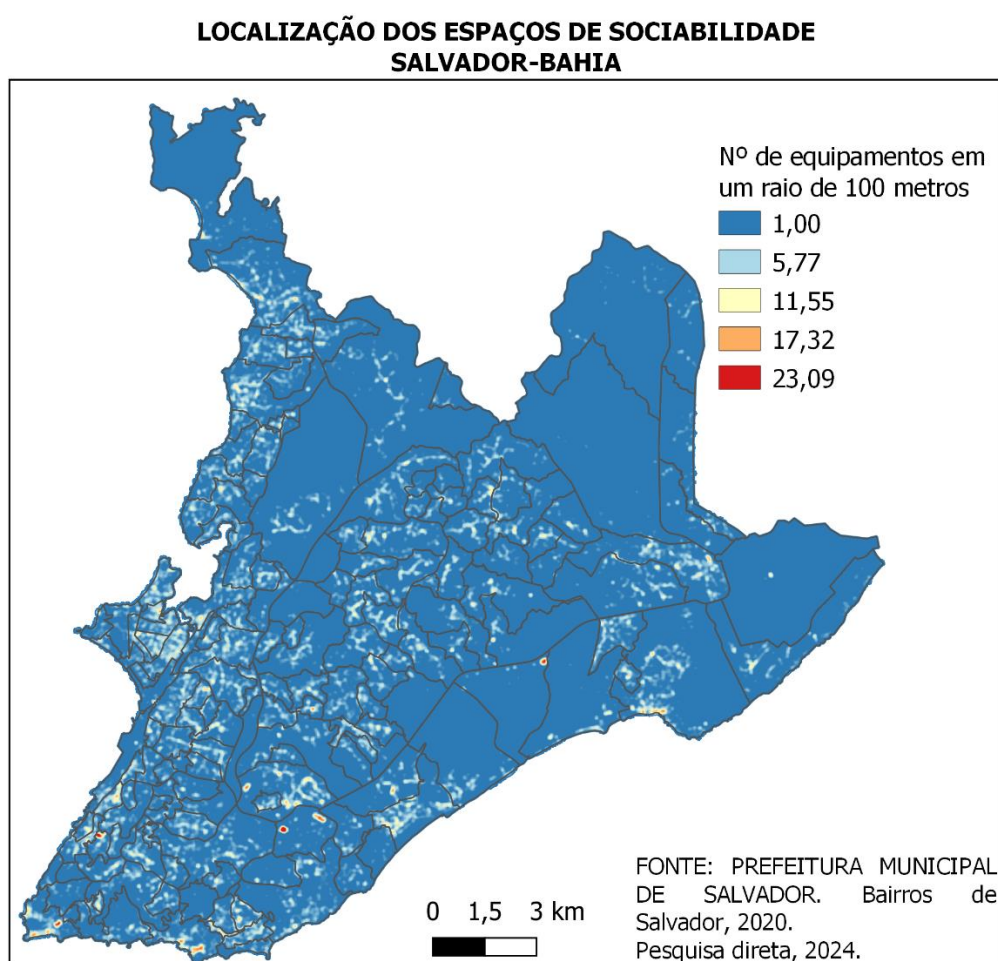
Foram identificados em Salvador um total de 41.176 espaços de sociabilidade. 703 praças, largos e parques; 15.658 bares, restaurantes, cafés e lanchonetes; 4.819 espaços religiosos; 58 livrarias e bibliotecas; 5.126 barbearias e salões; 44 teatros e associações culturais; 17 cinemas; 51 associações de moradores; 42 pontos turísticos; 61 museus; 103 centros comunitários; 96 estabelecimentos de entretenimentos; 30 clubes; 2.414 quadras, *skateparks* e praças de esporte (685 destas em espaços de uso coletivo e 1.729 em condomínios fechados); e 11.954 piscinas (17 destas de uso coletivo e 11.937 em casas ou condomínios).

A distribuição destes espaços revela uma lógica de formação de centros e subcentros. Como mostra Corrêa (1989), fatores como os altos preços da terra e as dificuldades de transporte para o centro, além do crescimento demográfico e espacial, afastam estabelecimentos e pessoas das áreas centrais e provocam um processo de formação de núcleos secundários de comércio e serviços que são estruturados hierarquicamente, de modo similar à rede regional de localidades centrais, mas na escala intraurbana. Para Souza (2020), poderia se afirmar que a sociabilidade pública também se organiza espacialmente à luz de uma ordem hierárquica de localidades, havendo assim “lugares centrais de sociabilidade pública” (p. 332).

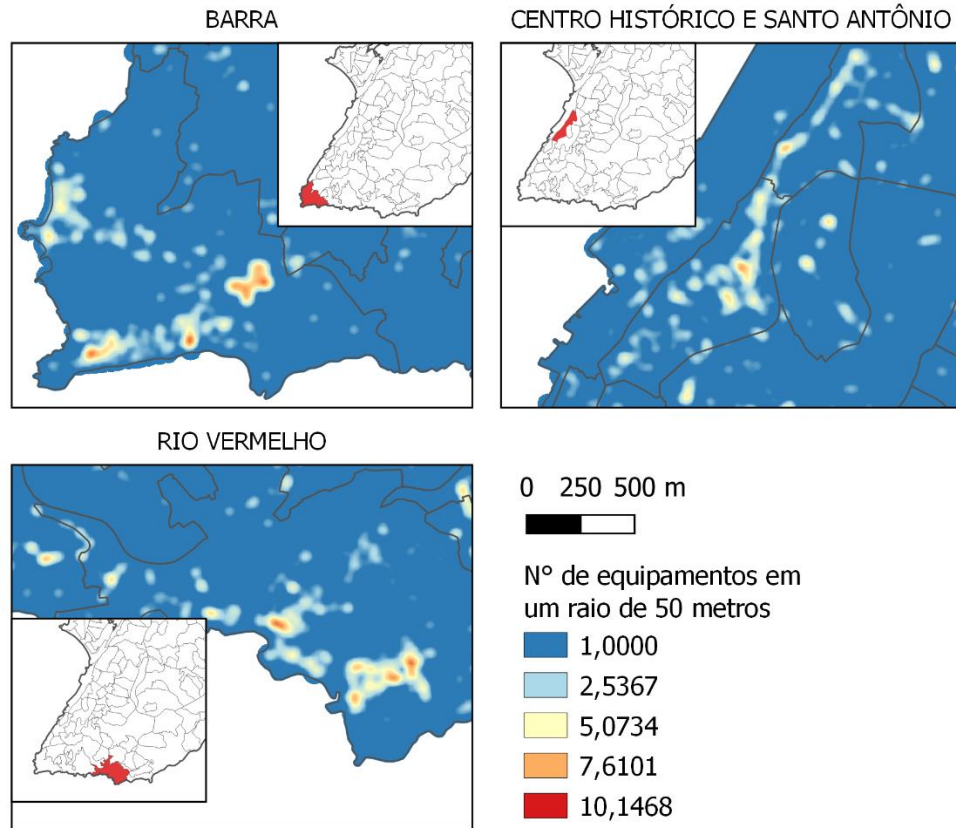
Em quase todos os bairros de Salvador há um subcentro de sociabilidade. As poucas exceções: Retiro, Portoseco Pirajá, Granjas Rurais Presidente Vargas e o Centro Administrativo da Bahia são bairros onde não há funções residenciais, apenas industriais ou administrativas.

Os 163 bairros restantes todos têm, em maior ou menor grau, alguma aglomeração dos tipos mapeados, como indicado pelo mapa de calor da Figura 2. Os bairros do Comércio e Centro Histórico lideram a provisão de espaços, 9,3 e 8,5 espaços de sociabilidade, respectivamente, para cada 100 habitantes. O Centro Histórico destaca-se também pela diversidade de tipos; museus, cinemas, teatros, associações de moradores, bares, restaurantes e cafés, praças, entre outros. Diversidade esta rara no resto da cidade. Como indicam os números, excetuando-se os bares e restaurantes, espaços religiosos e salões e barbearias, a quantidade de outros tipos de espaço é reduzida, com alguns não chegando aos três dígitos.

Figura 2. Mapa de calor dos espaços de sociabilidade³



³ Optou-se, neste artigo, por exibir o mapa de calor com o valor inicial como 1 ao invés de 0, como é tradicional. Isso significa que os pontos que não têm próximo de si nenhum outro ponto em um raio de 100 metros não serão mostrados. A escolha se deu por dois motivos: conceitual – busca-se aglomerações de pontos e a formação de subcentros – e de melhor visualização – os pontos solitários, nessa resolução, apenas dificultariam o entendimento do mapa.

Figura 3. Mapa de calor de subcentros selecionados⁴

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Bairros de Salvador, 2020. Pesquisa direta, 2024.

É possível observar uma pequena relação entre os níveis de renda e a distribuição de espaços de sociabilidade, como mostra a Tabela 1 a seguir:

Renda domiciliar (SM)	Média
Mais de 10 SM	1,495181
5-10 SM	1,528682
3-5 SM	1,273869
2-3 SM	1,235779
1-2 SM	1,206782

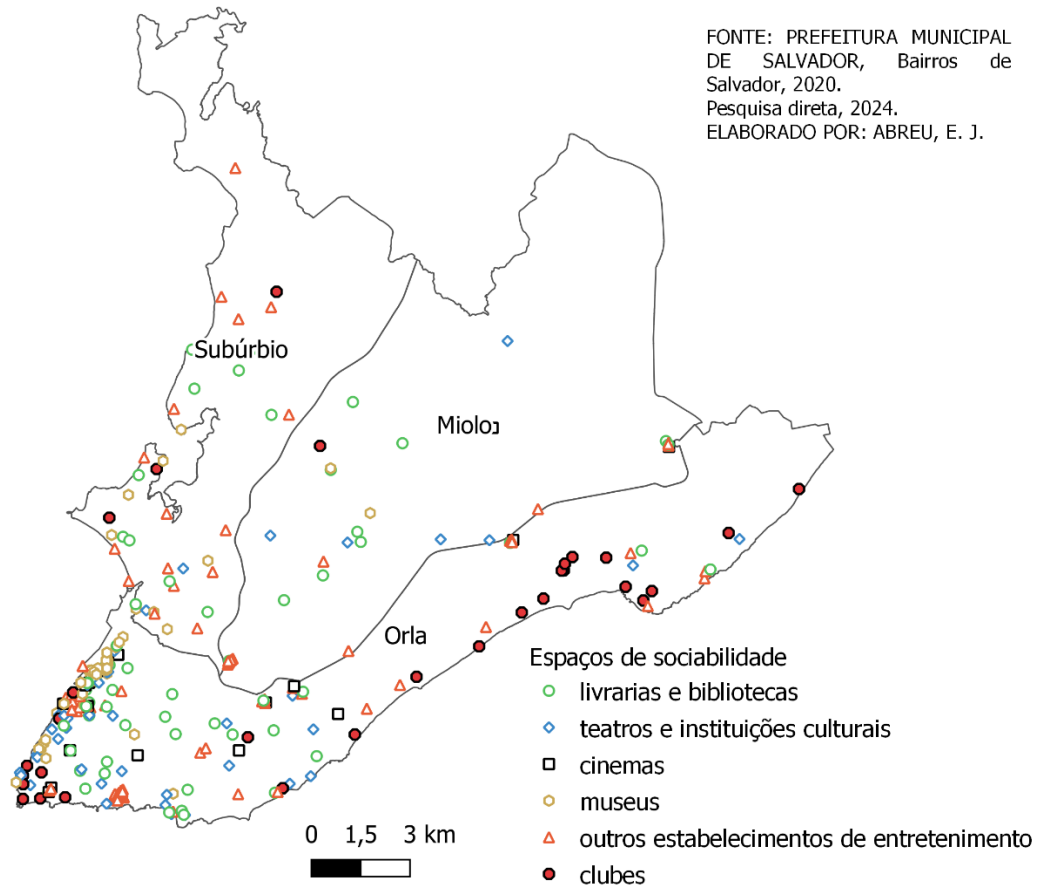
A média da quantidade de espaços para cada 100 pessoas por bairro cai à medida que cai a renda domiciliar da população. Também há uma leve queda nos estratos de renda superior que será explorada mais à frente. A maior diferença entre os bairros ricos e pobres, entretanto,

⁴ Os mapas de calor das figuras 2 e 3 foram construídos a partir de um Estimador de Intensidade de Kernel, se utilizando da função de interpolação padrão do QGIS, a função quártica. Na figura 2 o raio utilizado foi de 100 metros e, na figura 3, de 50 metros, ambos utilizaram *pixels* X e Y de tamanho 1,0.

não está na quantidade de espaços, mas na qualidade. Em muitos bairros a infraestrutura social se resume a bares e restaurantes, igrejas ou terreiros e barbearias ou salões.

Figura 4 Localização de classes selecionadas na Orla, no Miolo e no Subúrbio.

LOCALIZAÇÃO DE CLASSES SELECIONADAS



Na figura 3 é possível notar a concentração das diferentes classes de espaço na Orla Atlântica de Salvador. Dos 306 espaços presentes neste mapa, 233 se localizam na Orla, 33 no Miolo e 40 no Subúrbio Ferroviário. Os cinemas são os mais concentrados na Orla, dos 17 do município 15 estão lá, 2 no Miolo e nenhum no Subúrbio, a maior parte deles se encontram em shopping centers – também concentrados na Orla – que são, como aponta Caldeira (1997), enclaves fortificados destinados, em sua maioria, ao isolamento das classes mais abastadas, em espaços seguros e dotados de status.

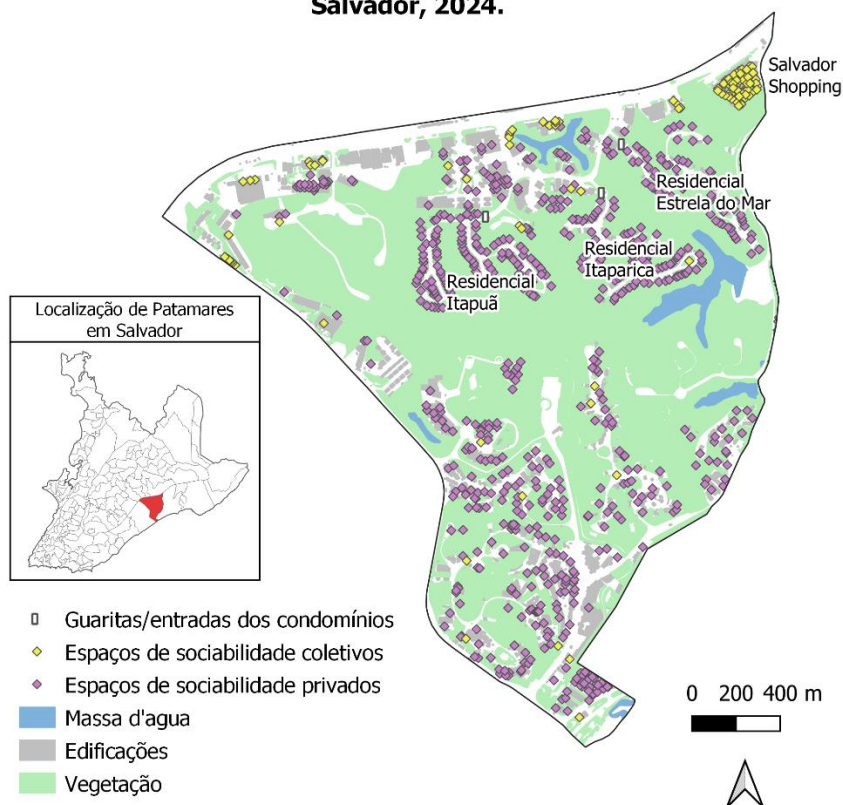
A localização dos cinemas em Shopping centers não é por acaso, estes enclaves não são os únicos numa sociedade contemporânea que se fragmenta cada vez mais, numa constante e crescente sensação de seletividade, separação, e de um “se evitar” cotidiano (Caldeira, 1997).

Os soteropolitanos de renda mais elevada cada vez se fecham em condomínios murados, com controle de acesso e não permeáveis à circulação de não residentes (Pereira et al, 2022). A pequena queda do número de espaços de sociabilidade em extratos de renda mais alto se deve ao fato de que, em muitos desses locais, sequer há um único espaço deste tipo. Estes são concentrados em pontos específicos, distantes das moradas e acessíveis somente a carro. Os moradores desses enclaves operam através da lógica da seletividade: recusam-se a compartilhar um território coletivo de vida social e buscam o convívio apenas entre os semelhantes, sejam familiares ou os que desfrutam dos mesmos padrões de vida (Gomes, 2002), e até mesmo este convívio entre semelhantes é altamente seletivo, em muitos desses condomínios não há um único espaço público para que estas pessoas se encontrem e se conheçam. Comunicam-se apenas com os que já conhecem, suas casas são equipadas com o máximo de máquinas que permitem a comunicação privada. “Trata-se, sem dúvida, de um processo paradoxal de abertura maior sobre o mundo a partir de um confinamento cada vez mais expressivo no espaço imediato” (Gomes, 2002, p.184).

Tal fenômeno é claramente visível no bairro de Patamares. O bairro, que possui um índice de espaços de sociabilidade para cada 100 pessoas acima da média de sua faixa de renda (1,78 em Patamares e 1,49 para bairros com renda acima de 10 salários mínimos), devido à presença do Salvador Shopping, conta com três condomínios murados, os residenciais Itapuã, Itaparica e Estrela do Mar, que não possuem um único espaço de sociabilidade público. Entretanto, quase todas as casas desses condomínios contam com piscinas e, nos condomínios circundantes, piscinas e quadras; parte da infraestrutura privada que, segundo Gomes (2002), afasta ainda mais essas pessoas do contato imediato com as ruas, representada no mapa a seguir pelos pontos roxos.

Figura 5. Exemplo de “emuralhamento da vida social” do qual fala Gomes (2002) no bairro de Patamares, Salvador-BA.

Espaços de sociabilidade públicos e privados em Patamares Salvador, 2024.



Moram, segundo o Censo 2022 (IBGE, 2023), 462 pessoas no Residencial Itapuã, 881 no Residencial Itaparica e 347 no Residencial Estrela do Mar. 1690 pessoas sem nenhum contato direto com qualquer espaço de sociabilidade público apenas nesses três condomínios. Se forem considerados os setores censitários onde há apenas um ou dois espaços de sociabilidade, todos os 20.487 moradores do bairro⁵ tem nenhum ou reduzido contato com a vida pública. Moradores em sua maioria novos, Patamares contava com 6.156 moradores em 2010, indicando que, apenas para este bairro, pouco mais de 14.000 pessoas decidiram se ausentar da vida na cidade. Este crescimento de Patamares, em uma cidade que perdeu 300 mil habitantes na última década, apenas reforça essa tendência preocupante de que falava Gomes (2002), já no início dos anos 2000, de uma crescente autoexclusão da sociabilidade pública. Tendência que se consolida à medida que aumenta a renda das pessoas, há uma forte correlação⁶ entre a proporção de espaços de sociabilidade privados no total de espaços de sociabilidade e a

⁵ Baseado em estimativas feitas utilizando o Censo 2022. Os dados oficiais em relação à população dos bairros de Salvador são baseados no Censo 2010.

⁶ Correlação de Pearson de +0,84, uma correlação considerada forte (SIEGEL, 1975).

renda média domiciliar média dos bairros. Em Patamares, por exemplo, a proporção desses espaços é de 85,9%. Mesmo com o Shopping Paralela, apenas 14,1% dos espaços são coletivos. No bairro de Piatã, seu vizinho, a situação é mais grave, a proporção é de 87,5% para espaços privados e 12,5% para espaços coletivos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infraestrutura social soteropolitana espalha-se por toda cidade, ainda que de modo diferente a depender do bairro e do nível de renda de sua população. Em alguns lugares, especialmente em bairros ricos, mas também em bairros populares com poucos espaços de sociabilidade, concentra-se em um ponto, como em Patamares, que tem no Shopping Paralela a quase totalidade de seus espaços. Em outros lugares percorre as vias principais do bairro, conectando-se a outros bairros formando um contínuo que percorre longas distâncias. Há também aqueles bairros em que a infraestrutura social ocupa não somente as vias principais, mas todo o bairro, como no Comércio, ou partes significativas dele, como no Rio Vermelho.

Essa diversidade, contudo, não impede a identificação de padrões comuns: o isolamento dos mais ricos, sua preferência por áreas de sociabilidade concentradas, distantes de onde moram, excluindo assim possibilidades de interações cotidianas “com a rua”; a menor oferta destes espaços aos mais pobres e a menor diversidade nos espaços a eles ofertados e a tendência de formação de subcentros de sociabilidade de modo hierárquico.

A pesquisa, contudo, esbarra na imprecisão de dados censitários desatualizados, locais que se modificaram completamente nos últimos dez anos, seja com novos empreendimentos imobiliários ou com a saída de grandes massas populacionais ainda contam com os dados de renda do Censo 2010 – até o momento de submissão deste artigo, agosto de 2024, foram divulgados somente os dados de população a nível de setor censitário. Admite-se, então, a imprecisão de alguns dos valores apresentados, a exemplo de Patamares e seu crescimento populacional de mais de 3 vezes. Espera-se que com a divulgação completa dos dados do Censo 2022 se possa apresentar um quadro mais condizente com a realidade encontrada na pesquisa.

7. REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Teresa. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. Novos Estudos, CEBRAP, Nº 47, pp. 155-176, 1997.

CARVALHO, C. G. **A dimensão espacial da experiência religiosa: práticas e representações entre candomblecistas e evangélicos.** 1º. ed. Salvador: EDUFBA, 2022. v. 1. 333p

CARVALHO, I; PEREIRA, G. C. (Org.). **Como Anda Salvador** - 2a Edição Revista e Ampliada. 2ed.Salvador: EDUFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989.

DIAS, Clímaco C. S. **Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade: relações de solidariedade nos bairros populares de Salvador.** 2018. 286p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Instituto de Geociências, UFBA.

DIAS, Patrícia C. **Trabalho e lazer na metrópole: lugares e fluxos das diferentes classes sociais na Região Metropolitana de Salvador.** 2016. 358p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia

GOMES, Paulo. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** 3ª Ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

HÖGSTRÖM, E.; BERGLUND-SNODGRASS, L.; FJELLFELDT, M. **The Challenges of Social Infrastructure for Urban Planning.** Urban Planning, 2022, Volume 7, n. 4, pp. 377–380

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

_____. **Censo Brasileiro de 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA - IPEA. **Infraestrutura social e urbana no Brasil:** subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas. – Brasília: Ipea, 2010.

KLINENBERG, Eric. **Palaces for the people:** How to build a more equal and united society. Penguin Random House, Londres, 2018.

LATHAM, Alan; LAYTON, Jack. **Social infrastructure and the public life of cities:** Studying urban sociality and public spaces. Geography Compass, 13(7), 1–15. 2019.

_____. **Social infrastructure:** Why it matters and how urban geographers might study it. *Urban Geography*, 43(5), 659–668, 2022.

PEREIRA, G. C. et al. Como anda a metrópole. In: PEREIRA, G. C.; FERNANDES, C. M. **Reforma Urbana e Direito à cidade: Salvador.** - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

PEREIRA, G. C.; FLORENTINO, P. V.; ROCHA, M. C. F. City as a social network - Brazilian examples. In: C. Ellul; S. Zlatanov; M. Rumor; R. Laurini. (Org.). **Urban and Regional Data Management** - UDMS Annual 2013. 1ed. Leiden: CRC Press/Balkema, 2013, v. 1, p. 129-142.

SALVADOR. Plano Salvador 500. Prefeitura Municipal de Salvador, 2020.

SANTANA, Mário Rubem Costa. **As Redes Técnicas e a Cidade: Salvador do Início do Século XXI**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. 10ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SERPA, ANGELO. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, H. S.; PEREIRA, G. C. **Índice de justiça espacial na Região Metropolitana de Salvador**: cartografia das diferenças socioespaciais. REVISTA E-METROPOLIS, v. 11, p. 38-48, 2020.

SILVA, H. S.; PEREIRA, G. C. Segregação socioespacial e infraestrutura urbana em Salvador - Bahia: transformações e tendências urbanas (1991 - 2010). In: UrbBa17 **Urbanismo em Comum**, 2017, Salvador. UrbBa17 Urbanismo em Comum, 2017.

SILVA, Heibe Santana da. **Segregação socio espacial em Salvador - Bahia**: análise pela cartografia das redes de infraestrutura urbana. 2015. 213p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia.

_____. **Espaço metropolitano e justiça espacial**: cartografia das diferenças espaciais em metrópoles nordestinas. 2019. 405p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, UFBA.

SILVA, Joilson da Cruz. **Infraestrutura urbana e desigualdade socioespacial na cidade de Salvador**. Curitiba: Editora CRV, 2023.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, A. F. **Sociabilidade pública na cidade do Rio de Janeiro**: uma reflexão geográfica sobre a importância dos espaços públicos para a existência das sociedades republicanas e democráticas. 2020. 517f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.